



## Uma análise da Dinâmica Macroeconómica de Angola: Terá o país capacidade para pagar à dívida, chinesa, sem comprometer a sustentabilidade da economia?

**Autor:** Paulo Vica

[paulo.vica23@hotmail.com](mailto:paulo.vica23@hotmail.com)

**Vinculação institucional:** UFU e UÓR

N.º ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6497-2305>.

### Resumo

Este estudo investiga a dinâmica macroeconómica de Angola entre 1997 e 2023, com ênfase na interação entre o saldo fiscal primário, as contas externas e a capacidade de sustentação da dívida externa. A partir de um modelo econométrico robusto por MQO, os resultados confirmam a presença de déficits gêmeos, onde o saldo primário negativo ( $\beta = -1$ ,  $p < 0.01$ ) se correlaciona fortemente com o déficit externo, amplificado pela flutuação da conta corrente ( $\beta = -2,88$ ,  $p < 0.01$ ). O serviço da dívida apresenta uma influência direta e estatisticamente significativa sobre a necessidade de financiamento externo ( $\beta = 4,61$ ,  $p < 0.01$ ), sugerindo que o custo da dívida encarece ainda mais a sustentabilidade fiscal. O estudo conclui que Angola enfrenta restrições serias face as suas obrigações internacionais sem ajustes estruturais profundos. A modelagem sugere que um ajuste fiscal gradual, aliado à diversificação económica, poderia reduzir a pressão sobre as reservas internacionais e criar espaço para um crescimento mais sustentável e menos vulnerável aos ciclos das *commodities*.

**Palavras-chave:** Necessidade de financiamento; Défis gêmeos, Sustentabilidade fiscal, Economia angolana; Déficit Fiscal; Angola; MQO-Robusto.

## 1. Crescimento Económico Concentrado pelas Exportações de *Commodities*

O debate em torno do crescimento económico sustentável tem estado cada vez mais presente no exercício governativo de vários países, sobretudo, africanos. Um crescimento sustentável e equilibrado proporciona maiores chances de uma nação almejar o desenvolvimento. As abordagens sobre crescimento económico, por via da expansão das exportações [Smith (1776); Ricardo (1817); Lamfalussy (1963); Beckerman (1965); e Kaldor (1965)], advogam uma maior produtividade na economia baseada na competitividade que atrai mais investimentos externos e acelera o processo de diversificação da estrutura produtiva do país, assegurando deste modo um crescimento mais rápido do PIB per capita. Neste contexto, um crescimento mais rápido e diversificado das exportações, se traduz numa rápida formação do capital que assegura o rápido crescimento da economia.

Todavia, outras teses [Thirlwall (1979); Dani Rodrik (1992); Hausmann (2005); Hidalgo et al (2007); e Hausman e Hidalgo (2009)] identificam que a relação positiva não poderá não se verificar no longo prazo quando o país exporta produtos de baixa complexidade económica, antes pelo contrário, resulta no efeito o posto. Além de que, se a elasticidade – renda das exportações forem menores do que a elasticidade – renda das importações, gera desequilíbrios na balança de pagamento e aumenta a necessidade de financiamento externo, conforme Thirlwall e Hussain (1982).

Sob esta perspectiva, os países que adotam políticas de fomento à produção têm um efeito similar na produtividade dessa atividade económica. Esta tese é conhecida como “Lei de Verdoorn (1949)”, conforme abaixo:

$$\Delta \ln P = \beta_0 + \beta_1 \Delta \ln Y \quad (1)$$

Sendo:

P: produtividade dos trabalhadores industriais;

$\beta_0$  e  $\beta_1$  : as sensibilidade; e

Y: produção industrial.

Os países ricos em recursos naturais, mormente, possuem sua estrutura económica concentrada e são mais suscetíveis aos efeitos da oscilação do preço, o que provavelmente gera instabilidade económica. Ademais, apesar da importância estratégica de certos recursos naturais, como é o caso do petróleo, no seu estado natural agregam menos valor a economia local, em função da sua baixa integração na cadeia produtiva.

Angola tem sofrido da armadilha da "ilusão de crescimento económico" baseada na concentração de exportações de *commodities*, produtos de baixa integração produtiva. A volatilidade do preço do principal produto que explica o crescimento da economia, tem agravado cada vez mais os indicadores económicos do país. As contas externas têm apresentado sucessivos desajustes<sup>1</sup>, nomeadamente, em serviços (-294 mil milhões de dólares norte-americanos); rendimentos (-168 mil milhões de dólares norte-americanos), e de capital e financeira (31 mil milhões de dólares norte-americanos). Estes factos

---

<sup>1</sup> BNA/2023

estilizados têm custos elevados para população e explica a armadilha do crescimento instável e desequilibrados pelo qual o país vem enfrentado, a décadas, originando em ‘duplos déficits’

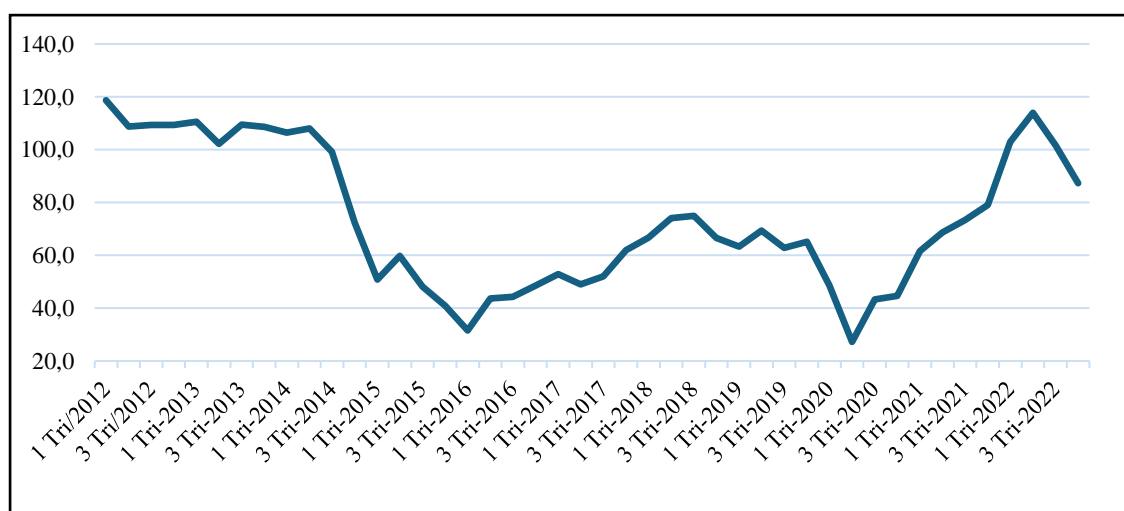
O presente estudo visa expor alguns dilemas da política económica angolana por via de um simulacro que tenta equalizar a realidade da dinâmica económica e suas perspectivas.

## 2. Stop and go da Economia Angolana e os Choques externos

Historicamente, Angola vê no comércio global a oportunidade mais realística para relançar as bases do seu desenvolvimento, mediante expansão das suas exportações. Dessa forma, o executivo acredita que o comércio pode melhorar o desempenho macroeconómico e os indicadores sociais, devido ao acesso a novos mercados, à diversificação produtiva, à ampliação das fontes de rendimento, à acesso a novos conhecimentos e à transferência de tecnologia.

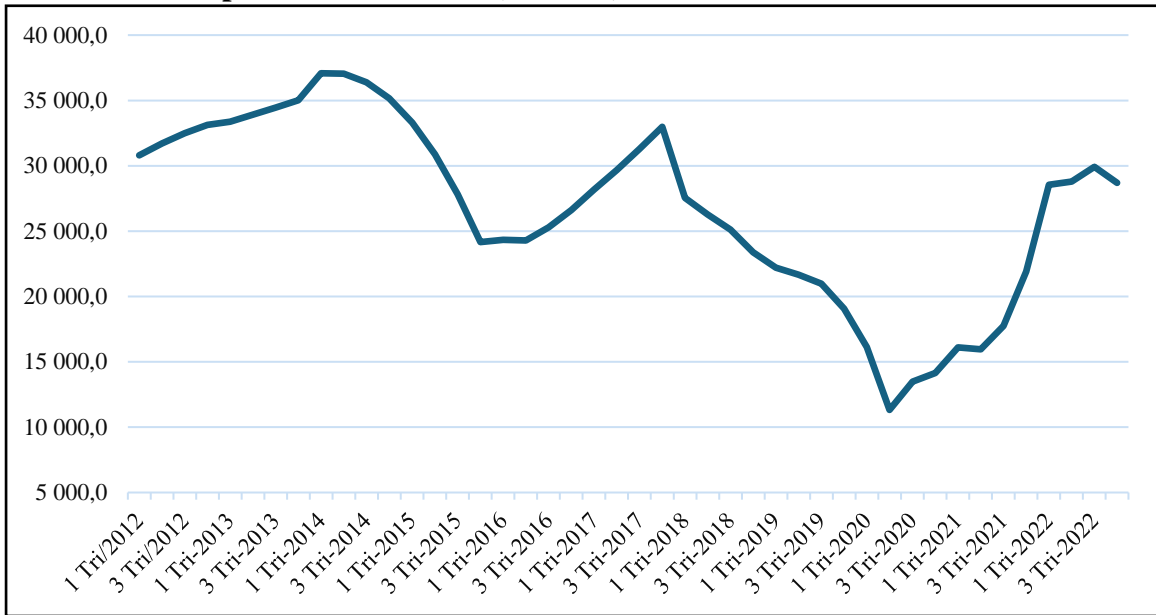
O país apresenta uma estrutura produtiva baseada na exploração de recursos naturais, petróleo, diamante e outros produtos agrícolas. A sua base produtiva passou por mudanças significativas desde 1975. O petróleo bruto tem sido o principal produto exportado (60 – 80%) do total das exportações nos últimos anos. Suas receitas são fundamentais para garantir à operacionalização da atividade económica e financeira do país [60% das receitas inscritas no Orçamento Geral do Estado (OGE) é proveniente desta fonte].

**Gráfico 1: Evolução do Preço do Petróleo Bruto (Us \$/Barril)**



**Fonte:** Elaboração própria dados do BNA/DES

**Gráfico 2: Comportamento do PIB (em Us \$)**



**Fonte:** Elaboração própria dados do BNA/DES

A dependência de recursos naturais, em particular, de petróleo, pode fazer com que a economia sofra de “ilusão do crescimento económico”, tornando-a instável e desequilibrada conforme versa Vica (2024). Esse modelo tem gerado um crescimento económico instável face à elevada dependência de fatores externos, sobre as quais a política económica dispõe de pouco ou nenhum controle. Desta perspectiva, uma economia concentrada é insustentável e menos resiliente aos choques externos (gráfico 1). Isto pressupõe que a economias angolana esteja refém do (1) preço da *commodity*; (2) da demanda mundial; (3) dos investimentos externos; da (4) baixa produtividade; e do (5) câmbio efetivo real que apesar da sua depreciação da moeda não torna as exportações mais competitivas, muito pelo contrário joga a desfavor o crescimento da economia no curto prazo. Por outro lado, um aumento do preço do petróleo bruto no mercado internacional tem um efeito negativo no longo prazo no crescimento da economia angolana, segundo Vica e Silva (2024). Desta perspectiva, a armadilha da ilusão do crescimento económico angolano passa a ser melhor compreendida.

**Tabela 1: Indicadores econômico de Angola (200-2008)**

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Crescimento Populacional (%)	3,39	3,47	3,57	3,62	3,66	3,71	3,74
Taxa de Crescimento PIB	13,7	3,0	11,0	15,0	11,6	14,0	11,2
Participação das Exportações no PIB	23,30	25,83	33,00	51,33	60,81	74,32	96,24
Exp. (Petróleo e Diamante) no PIB (%)	22,88	25,32	32,40	50,40	59,32	72,87	94,68
Receita das Exp. Petróleo Bruto (%)	31,73	13,61	45,31	81,10	33,38	41,07	45,24
Receitas Públicas (% PIB)	37	29	30	31	34	40	42
Despesas Públicas (% PIB)	34	31	34	30	27	31	38
Inflação	108,9	98,2	43,5	23	13,3	12,3	12,5
PIB per capita (Us\$)	873	983	1255	1901	2598	3121	4082

Fonte: Dados extraídos do portal do MINFIM, BNA e world Bank/2023.

Por outro lado, as subcontas externas explicam a vulnerabilidade da economia do país, além de concentrada em recursos naturais é altamente dependente de prestação de serviços de expatriados em consultoria, assessoria, auditoria, e investimentos estrangeiros diretos.

**Tabela 2: Saldo das Contas Externa (em milhões de U.s. dólares)**

	2014	2015	2016	2017
CONTA CORRENTE	-3.747,5	-10.272,8	-3.085,2	-632,9
Mercadoria	30.589,6	12.488,6	14.548,4	20.150,2
Serviços	-23.276,3	-16.020,1	-11.905,6	-12.808,7
Rendimentos	-11.060,8	-6.741,4	-5.727,9	-7.974,4
FINANCIAMENTO	3.919,7	3.035,7	-403,7	4.902,7

Fonte: Elaboração própria, dados extraídos do BNA/DES (2023).

Essa dinâmica tem contribuído significativamente para o lento avanço do desenvolvimento da economia angolana ao longo do tempo.

### 3. Os Dilemas da Macro dinâmica Angolana

Os sucessivos déficits fiscais e/ou externos da economia angolana, decorre de uma característica padrão de economias que apresentam alta concentração em recursos naturais, elevada informalidade, instituições fracas, importações sem qualidade, sobretudo de bens supérfluos, gestão conflituosa e frágil das finanças públicas, e pressão cambial sobre as reservas internacionais. Este padrão tem aprisionado há décadas essas economias num ciclo vicioso. Estudos empíricos demonstram que economias menos diversificadas, baseadas essencialmente na extração de recursos, têm experimentado a ilusão de um crescimento económico sustentável. Essa ilusão é percebida ano após ano

na aprovação do Orçamento Geral do Estado (OGE), resultando em uma necessidade crescente de financiamento da economia, tornando a dívida acima do permitido por lei, o que aumenta a pressão sobre os gastos sociais essenciais.

A dependência de receitas voláteis tem comprometido, em grande medida, o crescimento sustentável da economia angolana uma vez que a oscilação do preço do petróleo impostos pelo mercado internacional dificulta a previsão de receitas e a programação eficiente dos gastos públicos face aos desajustes entre receitas e gastos públicos.

Na última década, a dívida pública (DP) angolana tem sido alvo de intensos debates sobre sua sustentabilidade, especialmente devido ao padrão de crescimento económico marcado por ciclos de 'Stop and Go'. Esse debate ganha força em meio às vozes da sociedade que questionam a qualidade das despesas públicas, alegando que, muitas vezes, ultrapassam os limites definidos por lei. No entanto, este não são os critérios plausíveis. Uma dívida pública é considerada sustentável quando o governo honrar os seus compromissos sem recorrer a novos endividamentos para pagar dívidas anteriores, nem comprometer o crescimento económico futuro.

Desta perspectiva, é amplamente (re)conhecido que os responsáveis pela política económica e financeira angolana (PEFA), (re)afirmam o compromisso de manter a sustentabilidade da DP por meio de despesas de maior qualidade, renegociações estratégicas e evitando, a todo custo, o risco de colapso da dívida. No entanto, a economia angolana apresenta complexidades significativas, crescendo de forma concentrada com base em *commodities*, o que torna recorrentes os déficits fiscais e externos. Esses déficits acumulados aumentam a pressão para o agravamento da carga tributária, anulando os efeitos esperados de uma política fiscal mais flexível impostos pelos compromissos da dívida. E como consequência, esses fatores afetam negativamente a atividade económica, desestimulam investimentos, limitam a criação de empregos e comprometem a competitividade das empresas.

Assim, com o propósito de suavizar as especulações da sociedade diante dos argumentos defendidos pelos guardiões do PEFA, recorre-se à diversão de modelos de identidades económicas, aprimorando em dados que permitem arbitrar o ruído que tanto preocupa. Afinal, entre a realidade e a expectativa, há um hiato onde os cenários podem se inclinar para o optimismo ou o pessimismo, revelando uma perspectiva que, por vezes, se afasta da realidade debatida.

#### **4. Metodologia, Base de Dados e Resultados: Evidências Empíricas (Calibragem de Identidades Económicas e Séries Temporais)**

Do exposto, criou-se um simulacro para elucidar alguns cenários possíveis capaz de equalizar a realidade perspectivada da dinâmica económica angolana. Como sabemos, que a o PIB é mensurado sob várias ópticas, apesar de cada uma delas apresentar alguma limitação é o mais próximo para calibragem de um modelo que visa explicar a macro dinâmica angolana:

$$Y \equiv C + I + G + X - M \quad (2)$$

$$Y - (C + G) \equiv I + X - M \quad (3)$$

$S - I \equiv X - M$  que por simplicidade redutora e se assumirmos que a conta financeira esteja equilibrada, neste caso  $BP = X - M$  obtêm-se a expressão abaixo:

$X = M$  assumimos deste modo que as exportações sejam suficientes para sustentar as importações sem necessidade de financiamento exterior (NFE).

Para o nosso caso assumiremos os cenários mais realísticos com desequilíbrios nas rubricas do tipo  $G \neq T$ ;  $X \neq M$ ;  $Sp \neq I$

Uma Poupança Privada maior implica menor Gastos público com forte consequência para economia, sobretudo para a realidade da economia angolana. Portanto, um desajuste primário e nas contas externas, implicaria maior ou menor necessidade de financiamento, conforme abaixo:

$$Nfsp = (G - T) + r * SDP \quad (4)$$

Quanto mais desajustes fiscais ( $G > T$ ) e pressão da dívida pública ( $r$  – serviços da dívida e  $SDP$  – stock da dívida pública) maior é a necessidade de financiamento do sector público (Nfsp).

$$\text{Se considerarmos } CC + CF + EO = (Sp - I) - [(G - T) + r * EsDp] \quad (5)$$

Sendo:  $CC$  (Balanço da Conta Corrente)

$CF$  (Conta Capital e Financeira)

$EO$  (Erro e Omissões)

Rescrevendo a equação (5), estamos a assumir que o saldo externo cobre o déficit primário e o saldo do sector privado tem-se:

$$\text{Saldo Externo} = (Sp - I) - Nfsp$$

Assim:

$$NFE = Nfsp - (Sp - I) - (CC + EO) \quad (6)$$

Quando a poupança privada ( $Sp$ ) é igual ao investimento privado ( $I$ ), a necessidade de financiamento total ( $Nft$ ) estará diretamente condicionada ao saldo da conta corrente da balança de pagamentos privada e ao nível de poupança. No contexto angolano, é plausível a ocorrência de défices duplos, caracterizados por um saldo primário negativo e desequilíbrios nas contas externas. Essa conjuntura abre espaço para a construção de uma estrutura analítica que possibilite a equalização das identidades macroeconómicas, base para modelagens econométricas subsequentes que capturem a dinâmica do crescimento e da sustentabilidade fiscal:

$$Sdp_t = \tau_0 + \tau_1 Sdp_t + \tau_2 Nfsp_t \quad \text{Dinâmica da Dívida Pública} \quad (7)$$

$$Nfsp = \mu_1 (G - T)_t + \mu_2 (r * EsDp)_t \quad (8)$$

$$Nfe = \beta_1 dft_t - \beta_2 CC + \beta_3 r + \beta_4 \Delta PIB_t \quad (9)$$

$$y = \beta_1 Sdp_t + \beta_2 CC - \beta_3 r_t \quad (10)$$

O período em estudo foi (1997 – 2023), e embora seja de vinte sete anos, foram realizados alguns testes necessários para garantir a eficiência dos modelos em causa (7, 8, 9 e 10).

De referir a ausência de informações completas sobre os impostos, trabalhou-se com a receitas totais.

**Quadro 1: Descrição das Variáveis, Unidades de Medidas e Fontes**

Variáveis	Significado	Unidade de medida	Fonte
G	Gastos Públicos	em % PIB	FMI
R (T)	Receitas do Estado	em % PIB	FMI
CC	Conta Corrente	em % PIB	BNA/DES
X	Exportação de Bens e Serviços	em % PIB	BNA/DES
M	Importação de Bens e Serviços	em % PIB	BNA/DES
EO	Erro e Omissões	em % PIB	BNA/DES
Sdp	Stock de Dívida Pública	em % PIB	FMI
r	Serviço da Dívida Pública Externa	em % PIB	BNA/DES
Dft (Nfsp)	Déficit Fiscal	em % PIB	Calculado
Nfe	Necessidade de Financiamento Exterior	em % PIB	Calculado
y	Crescimento do PIB	Em taxa	WB

Fonte: Elaboração própria.

Preferiu-se trabalhar com o Serviço da Dívida Pública Externa, em detrimento do total, devido ao seu acesso mais facilitado, pese embora seria de todo mais próximo da realidade. Todavia, esta informação não deturpa a interpretação dos dados, apenas desagrava, o que serve como uma bússola. E se considerarmos a confiabilidade dos dados coletados e devidamente calibrados, baseado nas identidades, o simulacro indica os seguintes cenários da macro dinâmica angolana, tabela (4).

**Tabela 3: Estatística Descritiva das Principais Variáveis**

Variável	Obs.	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
y	27	0.045788	0.0534498	-0.0563821	0.1503
x	27	0.4574501	0.2451906	0.1191755	0.9275411
m	27	0.1805713	0.0797218	0.0699473	0.3260448
t	27	0.3210636	0.093701	0.1751647	0.4843086
g	27	0.3228228	0.0926261	0.1947658	0.5266601
r	27	0.0800723	0.029695	0.0283238	0.1508478
cc	27	0.0393591	0.0889416	-0.1135166	0.1966249
nfe	27	-0.1364267	0.3387071	-0.8619861	0.3597906
sdp	27	0.8774461	0.3856678	0.0572019	1.466237
nfsp	27	0.0818314	0.0619192	-0.0360169	0.1883971

Fonte: Elaboração própria, via Stata 15

**Tabela 4: Simulacro da Macro dinâmica Angolana (% PIB)**

Anos	Ay	X	M	R	G	r	CC	NFE	Sdp	Nfsp
1997	7.27%	20.00%	9.15%	38.50%	35.19%	6.34%	-0.74%	-3.42%	125.97%	3.02%
1998	4.69%	11.92%	6.99%	27.63%	34.34%	6.97%	-6.28%	27.44%	134.15%	13.68%
1999	2.18%	16.98%	10.24%	41.13%	51.77%	7.77%	-5.63%	35.98%	146.62%	18.41%
2000	3.05%	25.30%	9.71%	42.86%	40.57%	9.50%	2.54%	-3.56%	94.15%	7.21%
2001	4.21%	20.03%	9.75%	37.46%	34.29%	8.51%	-4.39%	5.89%	102.71%	5.33%
2002	13.67%	22.46%	10.14%	28.68%	31.22%	6.11%	-0.40%	5.57%	108.12%	8.65%
2003	2.99%	24.90%	14.35%	29.72%	34.40%	6.29%	-1.88%	15.43%	120.12%	10.97%
2004	10.95%	31.80%	13.76%	30.99%	29.80%	5.34%	1.62%	-8.65%	90.17%	4.16%
2005	15.03%	49.47%	17.14%	33.70%	26.53%	5.41%	10.54%	-45.21%	47.62%	-1.76%
2006	11.55%	58.61%	16.15%	40.03%	30.60%	5.82%	19.66%	-69.82%	20.76%	-3.60%
2007	14.01%	71.63%	22.04%	42.44%	38.13%	6.72%	17.07%	-59.20%	36.49%	2.41%
2008	11.17%	92.75%	30.45%	48.43%	52.67%	2.83%	10.44%	-56.82%	47.42%	7.07%
2009	0.86%	58.75%	32.60%	37.11%	45.01%	6.22%	-10.89%	12.32%	120.22%	14.11%
2010	4.40%	69.73%	22.97%	42.79%	39.39%	4.34%	10.35%	-55.54%	41.07%	0.95%
2011	3.47%	89.66%	26.94%	45.48%	37.40%	5.04%	17.43%	-86.20%	5.72%	-3.04%
2012	8.54%	87.24%	29.09%	41.34%	37.21%	5.69%	16.99%	-59.79%	36.08%	1.55%
2013	4.95%	79.80%	30.79%	36.75%	37.05%	6.62%	9.52%	-39.55%	60.75%	6.93%
2014	4.82%	66.00%	31.88%	30.74%	36.46%	7.96%	-4.18%	1.69%	107.41%	13.68%
2015	0.94%	36.67%	22.87%	24.13%	27.05%	8.15%	-11.35%	21.02%	123.94%	11.06%
2016	-2.58%	31.29%	14.79%	17.52%	22.04%	9.32%	-3.50%	16.73%	121.25%	13.84%
2017	-0.15%	39.32%	16.43%	17.52%	24.10%	12.25%	-0.72%	15.64%	122.23%	18.84%
2018	-1.32%	46.92%	18.18%	22.87%	20.58%	10.90%	8.52%	-19.47%	78.25%	8.61%
2019	-0.70%	40.26%	16.38%	21.18%	20.40%	12.12%	5.96%	-6.39%	92.83%	11.34%
2020	-5.64%	25.72%	11.72%	21.35%	23.28%	10.83%	1.07%	12.06%	113.99%	12.76%
2021	1.20%	40.77%	14.32%	23.31%	19.48%	12.75%	10.20%	-16.24%	79.93%	8.92%
2022	3.04%	58.95%	20.34%	23.22%	22.55%	11.32%	13.86%	-27.74%	71.58%	10.64%
2023	1.00%	18.21%	8.37%	20.02%	20.12%	15.08%	0.47%	19.46%	119.56%	15.19%

Fonte: Elaboração própria, dados extraídos de fontes descritas no quadro 1

## Interpretações da tabela (4)

### a) Crescimento do PIB

- ✓ **Fases de crescimento:** Entre 1997 e 2008, o crescimento foi forte, atingindo picos de 15,03% (2005) e 14,01% (2007). Isso coincide com o aumento das exportações (X) e maior arrecadação pública (R);
- ✓ **Queda e recessão:** A partir de 2009, o crescimento desacelerou significativamente, com recessão clara entre 2016-2019. A crise global e a volatilidade do petróleo provavelmente explicarão parte desse desempenho negativo;
- ✓ **Recuperação moderada:** Após a recessão, há uma tentativa de recuperação em 2021 (1,20%) e 2022 (3,04%), mas o crescimento é assustador.

### b) Sector externo (X, M e CC)

- ✓ **Exportações (X):** De 1997 a 2008, as exportações cresceram fortemente, atingindo quase 93% do PIB em 2008. Isso é típico de uma economia fortemente dependente de commodities;
- ✓ **Importações (M):** Crescem com as exportações, mas em menor proporção. No entanto, nos anos de crise (2016–2018), as importações continuaram a crescer acompanhando o comportamento das exportações;
- ✓ **Conta corrente (CC):** A oscilação corrente foi deficitária na maioria dos anos, refletindo maior dependência de importações e saída de capitais. Porém, entre 2005 e 2007, o superávit da CC coincide com o forte crescimento do PIB.

### c) Finanças públicas (R, G, r, Sdp, Nfe)

- ✓ **Receitas públicas (R=T) e gastos (G):** As receitas são voláteis e seguem o comportamento das exportações. Os gastos públicos cresceram fortemente até 2008, pese embora houvesse tentativas de sua contenção.
- ✓ **Serviço da dívida pública (r):** O custo da dívida cresce significativamente ao longo do tempo. Ademais, é o gatilho de pólvora da economia angolana e de forma sequencial, desde 2008, tem sido maior que o crescimento da economia a excepção de 2012. Em 2023 o peso foi de 15%.
- ✓ **Estoque da dívida pública (Sdp):** A dívida explode em momentos de crise, e se mantém alta embora tenha um comportamento do tipo “*Stop and go*”;
- ✓ **Necessidade de financiamento externo (NFE):** A NFE é elevada nos anos de maior crescimento, diminuindo alta dependência de capital externo, mas há ajustes bruscos em anos de crise.
- ✓ **Déficit fiscal (Nfsp):** O déficit fiscal se agrava em anos de recessão (2015-2017), mas há momentos de superávit, especialmente no auge das exportações.

Este simulacro converge e dissipa as inquietudes, de vozes da sociedade que se levantam, confirmando a vulnerabilidade da economia, diante do perigo dos gastos públicos em bens supérfluos sobre a economia.

Após análise do Simulacro (tabela 4), recorreremos a inferência estatística baseado nos seguintes modelos (7<sup>2</sup>, 8, 9 e 10), esta técnica consiste em quantificar a relação entre variáveis económicas, verificando se uma variável é dependente de outra (ou de várias).

**Tabela 5: Inferência Estatística MQO Robusto (1997 e 2023)**

Variáveis \ Modelos	Nfsp	Nfe	y
	Coefficientes (prob)	Coefficientes (prob)	Coefficientes (prob)
<i>r</i>	1*** (0,0000)	4.615112*** (0.0000)	-1.27518*** (0.0000)
<i>Sdp</i>	-1*** (0,0000)	-1.015375* (0.072)	0.056639 (0.311)
<i>Nfsp</i>	n.a	-1.179229** (0.044)	n.a
<i>y</i>	n.a	0.8032092* (0.074)	n.a
<i>cc</i>	n.a	-2.877142*** (0.000)	0.3963336** (0.038)
<b>Constante</b>	0,0000000002 (0.370)	-0.431579*** (0,0000)	0.0825976* (0.098)
<b>R<sup>2</sup></b>	100	94,38	53,36
<b>Prob &gt; F</b>	0.0000	0,0000	0.0002
<b>Nº de Obs.</b>	27	27	27

Fonte: Elaboração própria, estimados no Stata 15.

Nota: \*(\*\*) \*\*\* significância estatística ao nível de 10%;5%;1%.

<sup>2</sup> O modelo não foi estimado, por não ser o objeto de estudo por questões óbvias

Os dados revelam relações económicas e estatisticamente significativas, com excepção da variável Stock da dívida pública para explicar o crescimento do PIB. Vale destacar que, no modelo (9), a variável apresenta um efeito negativo, demonstrando que a dívida pública impacta adversamente o crescimento económico. Esse resultado sugere que o governo tende a priorizar o financiamento interno em detrimento do externo, por razões evidentes. Os testes de diagnóstico garantem a qualidade das estimativas, com excepção do modelo (8) — especificamente nos testes de White e DF — e do modelo (9) Quanto ao teste de Durbin-Watson No entanto, a maioria dos modelos foi validada nos testes aplicados

**Tabela 6: Testes de Diagnósticos**

Modelo	Jarque-Berra	D-watson	Heterocedasticidade (White)	Raiz Unitária (dfuller)
	p-value	d-statistic (d=2)	Prob > chi2	p-value for Z(t)<0,05
Nfsp	0.4371	1.889213	0.0012	0.0300
Nfe	0.2650	1.125901	0.2650	0.0933
Y	0.4371	1.526122	0.7865	0.4713

**Fonte:** Elaboração própria, estimados no Stata 15.

Nota: \*(\*\*) \*\*\* significância estatística ao nível de 10%;5%;1%.

## 5. Considerações Gerais

Angola parece vivenciar um ciclo clássico de dependência de *commodities*, caracterizado por fortes crescimentos durante os períodos de alta das exportações, seguido por crises fiscais e externas quando os preços caem ou à economia global desacelera.

Os resultados evidenciam uma forte interdependência entre o financiamento público, externo e o crescimento económico. O elevado custo do serviço da dívida emerge como o principal fator de pressão sobre o financiamento, limitando diretamente à expansão da economia. A conta corrente, por sua vez, actua como um contrapeso ao déficit fiscal: sempre que apresentar saldo positivo, reduz a necessidade de endividamento externo, aliviando a pressão sobre o crescimento económico.

A persistência de déficits duplos ao longo dos anos é evidente e amplamente explicada pela dinâmica da dívida e do saldo externo. A raiz desse problema reside no excesso de concentração produtiva em atividades extrativas, que, além de voláteis, comprometem a sustentabilidade do crescimento económico. Além disso, a fragilidade institucional agrava esse cenário, funcionando como um entrave adicional ao desenvolvimento do país.

Embora a dívida pública angolana não seja totalmente insustentável, o serviço da dívida na economia (% PIB) se assemelha a um pavio aceso, intensificando a vulnerabilidade da economia a choques externos e comprometendo a sustentabilidade fiscal no longo prazo. Diante desse contexto, torna-se essencial a continuidade de uma estratégia focada nos seguintes pilares: execução de despesas de maior qualidade, renegociações estratégicas da dívida, prevenção rigorosa do risco de colapso financeiro e ampliação da base tributária por meio da diversificação econômica."

## Bibliografia

- BECKERMAN, W. and associates. The British Economy in 1975. The National Institute of Economic and Social Research. Economic and Social Studies. n° XXIII. Cambridge, At the University Press, 1965, XXIV p. 631 p., 80/—, \$ 15.50. (1965). *Recherches Économiques de Louvain*, 31(8), 713–713. doi:10.1017/S0770451800020479
- BNA/DES (2022/2023). Estatísticas Externas. Disponível em: <https://www.bna.ao/#/pt/estatisticas/estatisticas-externas/dados-anuais>
- HAUSMANN, R. “Economic Growth: Shared Beliefs, Shared Disappointments?” CID Working Paper No. 125 June 2006. Disponível em: <https://www.hks.harvard.edu/sites/default/files/centers/cid/files/publications/faculty-working-papers/125.pdf>
- HAUSMANN, R. & HIDALGO CA, KLINGER B, Baraba´ si A-L, (2007) The product space conditions the development of nations. *Science* 317:482–487. DOI:10.1126/science.1144581. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/6181618\\_The\\_Product\\_Space\\_Conditions\\_the\\_Development\\_of\\_Nations](https://www.researchgate.net/publication/6181618_The_Product_Space_Conditions_the_Development_of_Nations)
- HAUSMANN, R. e HIDALGO, C. A (2009). The Building Blocks of Economic Complexity. *Science* 106(26):10570-5. DOI: 10.1073/pnas.0900943106. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/26314327\\_The\\_Building\\_Blocks\\_of\\_Economic\\_Complexity](https://www.researchgate.net/publication/26314327_The_Building_Blocks_of_Economic_Complexity)
- KALDOR, Nicholas. *Causes of the Slow Rate of Economic Growth of the United Kingdom*. An Inaugural Lecture. London, Cambridge University Press, 1966, 40 p., 5/– nets in U.K. (1968). *Recherches Économiques de Louvain*, 34(2), 222–222. <https://doi.org/10.1017/S0770451800040616>
- LAMFALUSSY, A. (1963). “The meaning and implications of export-led growth”. In: *O Reino Unido e os Seis*. Palgrave Macmillan, Londres. [https://doi.org/10.1007/978-1-349-81717-7\\_9](https://doi.org/10.1007/978-1-349-81717-7_9)
- MYRDAL, Gunnar Karl (1960). *Teorias Econômicas e Regiões Subdesenvolvidas*. 2ª Edição. Rio de Janeiro.
- RICARDO, David. “Principles of Political Economy and Taxation”. Editora. MACMILLAN AND CO New York and London. 1895. Em pdf.
- RODRIK, D. “The real exchange rate and economic growth”. *Brookings Papers on Economic Activity*, Washington, n. 2, p. 365-412, 2008. Disponível em: [https://inctpped.ie.ufrj.br/spiderweb/pdf\\_2/6\\_%20frenkel\\_real\\_exchange.pdf](https://inctpped.ie.ufrj.br/spiderweb/pdf_2/6_%20frenkel_real_exchange.pdf)
- SMITH, Adam. “Investigacion De La Naturaleza y Causas De La Riqueza De Las Naciones”. Editora. La oficina de la Viuda é Hijos de Santander. 1794, 28/12/1794. Pdf.
- THIRLWALL, A. P. (1979). “The Balance of payments constraint as a explanation of international growth rate differences”. *Banca Nazionale del Lavoro Quarterly review*, n. 128, march. RePEc:psl:bnlaqr:1979:01
- Thirlwall, A. P., & Hussain, M. N. (1982). The Balance of Payments Constraint, Capital Flows and Growth Rate Differences between Developing Countries. *Oxford Economic Papers*, 34(3), 498–510. <http://www.jstor.org/stable/2662591>
- VICA, Paulo (2024a) “Up and Down da Economia Angolana: Uma Análise dos determinates das Exportações do Petroleo Bruto (1996 – 2022)”. *Cinvestec- Revista Economicus* nº02.
- VICA, Paulo e SILVA, Guilherme (2024). *Concentração Sectorial, Complexidade Económica e Crescimento da Economia Angolana: Teoria e evidências Recentes*.